

Biblioteca para professores

Título: Jornal na sala de aula

Ana Elisa Ribeiro*

* Professora do CEFET MG e doutoranda no POSLIN, UFMG.

E-mail: anadigital@gmail.com

Segundo o dicionário *Aurélio século XXI*, mídia é o “conjunto dos meios de comunicação, e que inclui, indistintamente, diferentes veículos, recursos e técnicas”. Livro, jornal, revista e rádio já são considerados mídias “tradicionais”. A internet é uma mídia que pode conter todas as outras, em um sistema novo para a humanidade. No entanto, o modo de navegar em jornais e revistas eletrônicos não surgiu por acaso. Saber procurar, atravessar sumários e índices, avançar pela paginação numerada e diferenciar títulos e intertítulos são habilidades que o leitor já vinha “treinando” há algum tempo.

Como alguém lê o jornal impresso? Parado, quieto e sentado, como se assistisse à televisão? Para ler jornais, é preciso saber manipulá-los, avançar sobre as páginas, atribuir sentido à formatação: títulos, “bigode”, texto, intertítulos, infográficos, fotos, legendas; diferenciar nota, notícia, reportagem, editorial, tirinha, crônica e todo gênero de texto que possa aparecer.

Mas ler jornais impressos não é um conhecimento inato. É uma aprendizagem que, com o tempo, vai se aperfeiçoando. O leitor de jornais tem preferência por uns cadernos em detrimento de outros, gosta de ler em uma certa ordem, prefere um tipo de notícia a outro, tem até mesmo seus jornalistas ou colunistas prediletos. Há quem pegue o jornal e faça uma “varredura” na primeira página com os olhos. A isso dá-se o nome de “escaneamento”. As primeiras páginas de jornais são feitas de maneira a permitir essa varredura. Há quem vá direto ao caderno de cultura ou ao de esportes. Há quem acompanhe os textos de um cronista ou de um comentarista tradicional. É

assim que as pessoas formam suas práticas em todo tipo de mídia, mesmo naquelas que são mais ouvidas do que lidas.

Ezequiel Silva, professor da Unicamp, afirma que os periódicos são muito importantes para a formação do leitor crítico. Essa formação, muitas vezes, acontece em casa ou na convivência com os amigos, mas a escola também pode entrar nesse circuito. Para Ezequiel, o jornal é “uma janela para o mundo” e traz a “necessária pulsação de pontos de vista, de interpretação divergente dos fatos e notícias, de articulistas diferenciados etc., que devem existir dentro de uma sociedade democrática”.

Mesmo com tantas justificativas para o “ensino” da leitura de jornais, é raro encontrar exercícios que ensinem o aluno a ler e manipular textos não-lineares como os da primeira página. As tarefas costumam abordar o conteúdo das matérias e os pontos de vista do autor, mas não se atêm às práticas de leitura, ou seja, à maneira como as pessoas manipulam o suporte, aprendem a navegar, “customizam” suas leituras. E isso também é formar leitores que têm preferências e autonomia.

Além disso, há correntes de pesquisa que estudam como o leitor ancora sua aprendizagem atual em gestos que já conhecia, que lhe são familiares. Neste caso, é preciso considerar que o fato de saber avançar sobre as páginas impressas à procura de notícias, por exemplo, pode ser a experiência pré-configuradora dos modos de navegar na internet, quem sabe também na leitura de jornais virtuais. Para verificar isso, basta observar uma primeira página, que serve de guia para a procura de notícias integrais pelo leitor. Não se trata de um suporte que possa ser lido passivamente. Sua estrutura descontínua, em que notícias diversas dividem o mesmo espaço, o torna uma “colcha de retalhos” em que é preciso saber navegar.

Livros sobre jornais

Na tentativa de levar o jornal para a sala de aula, uma vez que, por razões econômicas e culturais, ele não é item da cesta básica do brasileiro, várias obras

paradidáticas foram publicadas desde os anos 1980. Analisando algumas, pode-se perceber o quanto são atuais e importantes para a prática do professor.

Um dos livros mais conhecidos é *O jornal na sala de aula*, da professora Maria Alice Faria, publicado pela editora Contexto. A obra traz propostas de leitura e produção de texto, sem cair na “gramatiquice” ou em tratamentos que abandonem o texto em favor de uma noção prescritiva e normativa de usos da língua. Em algumas atividades é possível vislumbrar tarefas de manipulação do jornal, com o objetivo de levar o leitor a conhecer as características do suporte em relação à sua arquitetura. Os exercícios podem ajudar na compreensão do jornal como um objeto que precisa ser explorado (como se faz hoje com *sites* e portais de notícias). A professora Maria Alice também dedica parte do livro à crítica, fundamentada, de jornais ditos “populares”, que distorcem a notícia e propiciam uma leitura que ela considera de “baixa qualidade”.

Como usar o jornal na sala de aula, também da professora Maria Alice Faria, contém novas atividades, versões revistas de propostas anteriores e menos fundamentação teórica, já que isso já havia sido feito no livro anterior. Desta vez, a editora Contexto planejou um livro quase que para consulta, uma vez que cada proposta de atividade foi diagramada em uma página, como se fossem fichas com planos de aula.

Joana Cavalcanti é a autora de outra obra paradidática interessante, *O jornal como proposta pedagógica*, da editora Paulus. Nela, além da fundamentação teórica que enfatiza a formação do leitor crítico por meio da leitura atenta do jornal, a autora reforça a idéia de que ensinar língua não é apenas ensinar gramática normativa. As propostas de atividades vêm no final do livro, **bem-explicadas** e bastante preocupadas em mostrar a forma como se constitui uma hemeroteca, a maneira como um jornal é feito e, em atividades lúdicas, como contrapor notícias e opiniões.

Na tentativa de oferecer um leque ainda mais amplo de atividades, as autoras Beatriz Marcondes, Gilda Menezes e Thaís Toshimitsu publicaram, também pela

Contexto, o livro *Como usar outras linguagens na sala de aula*, em que propõem dinâmicas e atividades sobre vários formatos de programas de televisão, sobre os jornais e revistas impressos, gibis, rótulos de produtos e *outdoors*, linguagens que elas consideram absolutamente presentes na vida do aluno dos dias de hoje.

Na esteira dos estudos lingüísticos sobre gêneros discursivos, a obra se origina da idéia de levar para a sala de aula os textos de circulação social ampla. O jornal impresso é um dos primeiros da lista, seguido de várias atividades que podem ser realizadas com programas de televisão. Vários dos exercícios sugeridos na obra não são de fácil execução, uma vez que dependem de gravações, aparelhos eletrônicos e de muita disciplina dos alunos, mas a maior parte das propostas pode ser levada a cabo, tanto em relação ao desenvolvimento dos sentidos crítico e estético dos jovens, quanto em relação ao professor, que poderia desenvolver aulas mais dinâmicas e interativas.

Logo no início da obra, as autoras respondem a uma questão que se coloca logo que o leitor avista a capa do livro. Numa obra sobre “outras linguagens”, que tem na capa imagens de computadores e *sites*, é de se estranhar que linguagens e textos típicos de ambientes digitais não estejam presentes. O fato é justificado pela cautela das professoras em não tratar de temas que ainda lhes são suspeitos ou desconhecidos, não errar na proposição de atividades inadequadas para os novos meios e lidar com suportes e leituras que, de fato, sejam acessíveis a grandes parcelas da população.

Leitores-exploradores

Nos dias atuais, é preciso saber a importância de desenvolver no leitor em formação não apenas os sentidos do texto, mas também a capacidade de manipulação do suporte em que a notícia, a reportagem, a charge ou o editorial estão. E não apenas no jornal, mas em outros suportes cuja manipulação seja parte do gesto de ler. Ao tratar o texto como se fosse desprovido de aspectos outros, que não os lingüísticos, o professor desconsidera a importância da exploração, da

atividade, da busca, dos protocolos de leitura específicos e planejados por profissionais que cuidam disso com o objetivo de tornar os textos mais legíveis e mais acessíveis. Muitas vezes, o professor trabalha o texto fora do contexto em que foi publicado, desconsiderando o jornal como mecanismo, o que exclui o gesto das atividades que fazem parte do ato de ler competentemente. E se o jornal impresso ainda é modelo para a produção de versões *on-line* de noticiários, é necessário prover o leitor da capacidade de selecionar, procurar, buscar e achar.

Referências

Sugestões de leitura

CAVALCANTI, Joana. *O jornal como proposta pedagógica*. São Paulo: Paulus, 1999. (Pedagogia e Educação).

FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002. (Repensando a língua portuguesa).

FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003. (Repensando o ensino).

MARCONDES, Beatriz; MENEZES, Gilda; TOSHIMITSU, Thaís. *Como usar outras linguagens na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2000.

PAVANI, Cecília; JUNQUER, Ângela; CORTEZ, Elizena. *Jornal. Uma abertura para a educação*. Campinas, SP: Papirus, 2007.